

Linguagem conotativa – figuras de linguagem II

E U
P A S-
S O

T U
P A S-
S A S

E L E
R A-
L A

Linguagem conotativa: figuras de linguagem II

1. Religiosamente, pela manhã, ele dava milho na mão para a galinha cega. As bicadas tontas, de violentas, faziam doer a palma da mão calosa. E ele sorria. Depois a conduzia ao poço, onde ela bebia com os pés dentro da água. A sensação direta da água nos pés lhe anunciava que era hora de matar a sede; curvava o pescoço rapidamente, mas nem sempre apenas o bico atingia a água: muita vez, no furor da sede longamente guardada, toda a cabeça mergulhava no líquido, e ela a sacudia, assim molhada, no ar. Gotas inúmeras se espargiam nas mãos e no rosto do carroceiro agachado junto do poço. Aquela água era como uma bênção para ele. Como água benta, com que um Deus misericordioso e acessível aspergisse todas as dores animais. Bênção, água benta, ou coisa parecida: uma impressão de doloroso triunfo, de sofredora vitória sobre a desgraça inexplicável, injustificável, na carícia dos pingos de água, que não enxugava e lhe secavam lentamente na pele. Impressão, aliás, algo confusa, sem requintes psicológicos e sem literatura.

Depois de satisfeita a sede, ele a colocava no pequeno cercado de tela separado do terreiro (as outras galinhas martirizavam muito a branquinha) que construía especialmente para ela. De tardinha dava-lhe outra vez milho e água e deixava a pobre cega num poleiro solitário, dentro do cercado.

Porque o bico e as unhas não mais catassem e ciscassem, puseram-se a crescer. A galinha ia adquirindo um aspecto irrisório de rapace, ironia do destino, o bico recurvo, as unhas aduncas. E tal crescimento já lhe atrapalhava os passos, lhe impedia de comer e beber. Ele notou essa miséria e, de vez em quando, com a tesoura, aparava o excesso de substância córnea no serzinho desgraçado e querido.

Entretanto, a galinha já se sentia de novo quase feliz. Tinha delidas lembranças da claridade sumida. No terreiro plano ela podia ir e vir à vontade até topar a tela de arame, e abrigar-se do sol debaixo do seu poleiro solitário. Ainda tinha liberdade – o pouco de liberdade necessário à sua cegueira. E milho. Não compreendia nem procurava compreender aquilo. Tinham soprado a lâmpada e acabou-se. Quem tinha soprado não era da conta dela. Mas o que lhe doía fundamentalmente era já não poder ver o galo de plumas bonitas. E não sentir mais o galo perturbá-la com o seu cócó-có malicioso. O ingrato.

(João Alphonsus – *Galina Cega*. Em MORICONI, Ítalo, *Os Cem Melhores Contos Brasileiros do Século*. São Paulo: Objetiva, 2000.)

As aves de rapina é que são rapaces; elas “agarram com rapidez, roubam” (Dicionário Aurélio). Por que, no texto, constitui ironia do destino o fato de a galinha ir adquirindo um aspecto irrisório de rapace?

2. Leia o texto abaixo; depois responda a questão.

É justa a alegria dos lexicólogos e dos editores quando, ao som dos tambores e das trombetas da publicidade, aparecem a anunciar-nos a entrada de uns quantos milhares de palavras novas nos seus dicionários. Com o andar do tempo, a língua foi perdendo e ganhando, tornou-se, em cada dia que passou, simultaneamente mais rica e mais pobre: as palavras velhas, cansadas, fora de uso, resistiram mal à agitação frenética das palavras recém-chegadas, e acabaram por cair numa espécie de limo onde ficam à espera da morte definitiva ou, na melhor hipótese, do toque da varinha mágica de um erudito obsessivo ou de um curioso ocasional, que lhe darão (sic) ainda um lampejo breve de vida, um suplemento de precária existência, uma derradeira esperança. O dicionário, imagem ordenada do mundo, constrói-se e desenvolve-se sobre palavras que viveram uma vida plena, que depois envelheceram e definharam, primeiro geradas, depois geradoras, como o foram os homens e as mulheres que as fizeram e de que iriam ser, por sua vez, e ao mesmo tempo, senhores e servos.

SARAMAGO, José. Cadernos de Lanzarote II. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 303/304.

Transcreva uma das várias antíteses presentes no texto.

3. Observe as palavras **escuridão perfumada**. Identifique e explique o recurso estilístico utilizado nesse caso.

[...]

Clarissa subia, com a grande chave na mão. Ninguém... Silêncio...

Diante da porta do sótão, parou, com o coração aos pulos. Experimentou a chave. A princípio não entrava bem na fechadura. Depois entrou. Com muita cautela, abriu a porta e se viu no meio duma **escuridão perfumada**, duma escuridão fresca que cheirava a doces, bolinhos e pão.

[...]

4. Leia com atenção os versos finais do poema “Jardim da Praça da Liberdade”, de Carlos Drummond de Andrade:

“De repente uma banda preta
vermelha retinta suando
bate um dobrado batuta

na doçura
do jardim.
Repuxos espavoridos fugindo.”

Identifique um dos recursos sonoros empregados nestes versos, explicando qual é o efeito expressivo obtido.

5. Observe este texto, criado para propaganda de embalagens:

“Ao final do processo de reciclagem, aquele lixo de lata vira lata de luxo, embalando as bebidas que todo mundo gosta, das marcas que todo mundo pode confiar.”

Transcreva do texto um trecho em que apareça um recurso de estilo que torne a mensagem mais expressiva. Explique em que consiste esse recurso.

Gabarito

1. A ironia consiste em dar à galinha um **aspecto** de ave que agarra suas presas com rapidez, sendo que ela não era capaz de nem mesmo pegar o alimento no chão.
2. Algumas das várias antíteses presentes no texto são: “perdendo e ganhando”; “rica” e “pobre”; “senhores e servos”.
3. O recurso utilizado pelo autor em “escuridão perfumada” é a sinestesia, isto é, a figura de linguagem que, segundo o dicionário *Houaiss*, é: “cruzamento de sensações; associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão”. Nesse caso específico, a combinação entre o sentido da visão (escuridão) e o do olfato (perfumada).
4. Os recursos são a utilização de assonâncias e aliterações. O som produzido na leitura dos três primeiros versos do poema lembra o de uma banda, tal como descreve o poema. Já no último verso a aliteração lembra o som de um riacho ou de um chafariz.
5. “lixo da lata vira lata de luxo”. Além de conter aliteração e assonância, o trecho torna-se expressivo pela presença do trocadilho que contrapõe lixo/”vira-lata”/luxo, caracterizando a antítese.